

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
14 e 21 de Junho de 2022

KRAKATIT / 1948

Um filme de Otakar Vávra

Realização: Otakar Vávra / Argumento: Otakar Vávra e Jaroslav Vávra, baseado num romance de Karel Capek / Direcção de Fotografia: Václav Hanus / Direcção Artística e Cenários: Jan Zazvorka / Guarda-Roupa: Marie Bortonkova / Música: Jiri Srnka / Som: Emil Polednik / Montagem: Antonin Zelenka / Interpretação: Karel Hoger (Prokop), Florence Marly (princesa Wilhelmina Hagen), Eduard Linkers (Carson), Jiri Plachy (D'Hemon), Natasa Tanska (Anci Tomes), Frantisek Smolik (dr. Tomes), Miroslav Homola (Jiri Tomes), Vlasta Fabianova (a mulher do véu), Jaroslav Zrotal (o médico), Bedrich Vrsbsky (barão Rohn), etc.

Produção: CFS / Cópia: Digital, preto e branco, falada em checo com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Três anos depois do fim da II Guerra Mundial, e da revelação ao mundo, através de Hiroxima e de Nagasaki, do poder destrutivo da energia nuclear; e no dealbar de uma nova era geopolítica, já com a Guerra Fria a desenhar-se no horizonte, e a certeza de que as bombas atómicas teriam nessa confrontação um papel decisivo. Qual seria esse papel, em 1948 não se sabia, mas temia-se. Sabemos como o imaginário da bomba atómica e da devastação nuclear alimentou grandes porções do cinema de ficção científica das décadas a seguir ao pós-guerra, e vários títulos correspondentes fazem parte deste ciclo de ficção científica – das inúmeras série B americanas ao **Gojira** japonês. Mas talvez este **Krakatit** seja o mais sério e mais remoto “aviso” de todos, uma espécie de “conto cautelar” (“cautionary tale”, como dizem os anglo-saxónicos) que tenta exprimir, da forma simultaneamente mais abstracta e mais precisa possível, a ameaça aniquiladora com que a humanidade sabia que tinha passado a coexistir.

O romance em que se baseia o filme, no entanto, não sabia de nada disto. Foi publicado por Karel Capek (um dos mais importantes autores europeus na área literária daquilo a que se chama a ficção científica) em 1922, quando as experiências com a energia atómica, se existiam, eram ainda absolutamente incipiente, e faltavam mais de duas décadas para o voo do Enola Gay sobre o Japão, mas havia a memória fresca da I Guerra Mundial. Capek, mesmo faltando-lhe evidentemente os pormenores técnicos, sonhava já (ou melhor dizendo, já tinha pesadelos) com uma arma com um poder tão devastador que seria capaz de arrasar a humanidade de uma só penada. Usou para o título – e para a designação da própria “arma” – o extremo destrutivo que servia então de exemplo e termo de comparação máximo: a erupção do vulcão Krakatoa, no final do século XIX. Duas décadas antes da “kryptonite” do Superhomem, Capek inventou a “krakatite”.

E, em 1948, pegando na história de Capek, Otakar Vávra e o seu irmão Jaroslav (que com o realizador colaborou na escrita do argumento) não precisaram de “actualizar” muito, porque a qualquer espectador dessa época a “krakatite” já não pareceria a abstracção impossível que talvez tenha parecido aos leitores de 1922. Krakatit é um dos pontos altos da obra de Otakar Vávra (1911-2011), um dos esteios do cinema checo, com uma obra tão espaçada no tempo que quase se

equipara, em longevidade, à de Manoel de Oliveira (o primeiro filme de Vávra é de 1931, o último de 2003). Passou, portanto, por várias fases do cinema checo ou checoslovaco, que lhe grangearam a fama não muito positiva de estar sempre de bem com o poder, fosse ele qual fosse: foi extremamente produtivo durante os anos da ocupação nazi, continuou a sê-lo durante todas as décadas que durou o regime comunista, de que foi, ao que se diz, bastante próximo (recusou-se, ao contrário de muitos cineastas checos que depois se exilaram, a assinar um documento condenatório da intervenção soviética que pôs fim à chamada “primavera de Praga”, em 1968). Por estas razões ou por outras razões, nem a sua obra é tão conhecida como se calhar podia ser, nem a sua figura (apesar da reverência que vem sempre com a longevidade) é muito lembrada quando se trata de alinhar os grandes nomes do cinema europeu.

Em todo o caso, **Krakatit** tem muito de surpreendente, até de “moderno” – sobretudo a organização fragmentada da narrativa, com um constante ziguezaguear entre tempos (flashbacks e flashforwards) mas também entre ordens de realidade diferentes (o sonho, o delírio febril, e a tênue fronteira deles com a “realidade”). O protagonista – que é uma espécie de “most dangerous man alive” – rememora, durante uma intervenção cirúrgica, as circunstâncias que o conduziram ali, a descoberta da “krakatite”, a contaminação, o poder destrutivo daquele elemento, o receio de que potências nunca nomeadas (politicamente, o filme é uma abstracção total) venham a querer apropriar-se dele e do seu involuntário poder (no que podia ser, e já que falámos do Superhomem, o princípio de uma história de super-heróis). Os diálogos estão cheios de uma “metafísica do apocalipse” que talvez apareça hoje como um pouco datada (no mau sentido da palavra), mas é inegável que a construção dos ambientes, e sobretudo a construção da vacilação entre o delírio e a realidade, é feita com uma pungência bastante eficaz, e que a introdução de um eixo narrativo com contornos românticos (a história da princesa Wilhelmina, interpretada pela actriz francesa Florence Marly) adensa essa atmosfera de fim de mundo, ou de um mundo reconhecível que já coexiste com a sua versão incerta e irreconhecível, com a sua “sombra”.

Luís Miguel Oliveira